

A Igreja particular da Diocese de Chapecó: Uma abordagem segundo a eclesiologia do Papa Francisco

Rogério L. Zanini¹

Resumo: Partindo da realidade eclesial da Diocese de Chapecó (SC), o presente estudo busca mostrar sua relação com a eclesiologia do Papa Francisco. Para isso, num primeiro momento, retoma o trabalho dos primeiros bispos, com ênfase no trabalho de Dom José Gomes. Em seguida, reflete sobre o governo do atual bispo, Dom Odelir José Magri, já nomeado no atual pontificado. Num terceiro momento, apresenta os principais desafios da realidade pastoral diocesana e as opções eclesiais que têm sido colocadas em ação, mostrando sua relação com as orientações do atual modelo eclesial do Papa Francisco.

Palavras-chave: Diocese de Chapecó. Papa Francisco. Eclesiologia do Papa Francisco. Plano Diocesano de Pastoral.

INTRODUÇÃO

A nossa reflexão versa sobre a Igreja particular da Diocese de Chapecó e a eclesiologia do Papa Francisco. Metodologicamente, essa abordagem segue três momentos. Primeiro interessa retomar alguns aspectos históricos da Igreja diocesana de Chapecó, com destaque para as preocupações dos seus primeiros Bispos, com ênfase ao trabalho e missão de Dom José Gomes. Seguimos refletindo o período histórico destacando a chegada do Bispo Dom Odelir José Magri (2015), mas agora dentro do pontificado do Papa Francisco (2013). No terceiro e último momento, enfatizamos algumas opções eclesiais diocesanas que continuam como desafios quando relacionadas com a eclesiologia do Papa Francisco.

1 ASPECTO HISTÓRICOS DA IGREJA DIOCESANA

A Diocese foi criada aos 14/01/58 e foi instalada aos 26/04/59. Como todas as outras, ela já fez uma longa caminhada. Nos seus mais de 60 anos de história, traz uma firme e significativa perspectiva que não se pode esquecer. Seguindo o Plano Diocesano, podemos fazer três destaques.²

1 Padre da Diocese de Chapecó. Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS. Professor da Faculdade de Teologia e Ciências Humanas de Passo Fundo. E-mail: zani-nipastoral@hotmail.com – <https://orcid.org/0000-0001-8771-3799>.

2 Para este ponto seguimos de perto o que está registrado no “Plano Diocesano de Pastoral” - Diocese de Chapecó 2006-2009, p. 5-8.

O primeiro pode ser colocado entre 1959 e 1968. Foi o tempo da realização do Concílio Vaticano II. Os dois primeiros bispos, de saudosa memória, D. José Thurler e D. Wilson Laus Schmidt, viveram a preocupação pela renovação conciliar, principalmente com a renovação litúrgica feita por D. Wilson. Além de lançarem as bases materiais de nossa Diocese, levaram à frente, em nível interno de Igreja, um admirável mutirão vocacional com a criação da Obra das Vocações Sacerdotais, dos Clubes Vocacionais e, principalmente, do Secretariado Diocesano das Vocações Sacerdotais, que marcaram época, além da criação e construção do Seminário Menor Nossa Senhora da Assunção.

O segundo destaque é para o período que vai de 1968 até mais ou menos a metade da década de 80. Teve a inspiração da Conferência de Medellín, que atualizou para nós o Vaticano II. Tempo que começou, com a vinda de D. José Gomes, uma intensa renovação conciliar. Até 1975, foram realizados muitos cursos de formação para os Agentes de Pastoral, principalmente para padres e religiosos, e uma grande renovação da catequese. A grande novidade desse período foi, sobretudo, a introdução da Eucaristia nas comunidades, com a preparação e formação dos Ministros Extraordinários da Eucaristia e das Equipes de Liturgia.

A partir de 1975, a grande renovação ocorreu com base na metodologia dos Grupos de Reflexão, na opção pelos pobres, nas pastorais sociais (com destaque para a Pastoral da Terra e a Pastoral Indigenista), na formação de pequenas comunidades (CEBs), na preparação dos leigos e leigas para os ministérios, dentro da Igreja, e na formação de lideranças para a transformação da sociedade. Destaca-se também o apoio à criação de movimentos populares e de sindicatos autênticos, o apoio à participação em partidos populares. Tudo isso acontecia com a convicção da necessidade de unir fé e vida nas organizações do povo.

O terceiro destaque vai de 1985 até a chegada do novo milênio. É o tempo da abertura política, do fim das ditaduras militares e do avanço da ditadura econômica do neoliberalismo. A *redemocratização* faz deslanchar a autonomia dos movimentos sociais e organizações populares, antes muito ligados à Igreja. Nasce o Movimento dos Sem-Terra (MST), A comissão Regional dos Atingidos por Barragens (CRAB, depois Movimento dos Atingidos por Barragens – MAB), a Organização das Mulheres Agricultoras (OMA), que atualmente, junto com camponesas de outros estados, Movimento das Mulheres Camponesas (MMC). Cresce a participação político-partidária do povo do Oeste e o sindicalismo combativo. É o tempo da firme organização dos pequenos agricultores, das grandes ocupações de terras no Oeste Catarinense, o despertar político e crítico da Pastoral da Juventude, da Pastoral da Saúde e da reflexão profunda, baseada na metodologia da Educação Popular e de muitos cursos bíblicos com leitura popular.

Diante da nova conjuntura, a Diocese reorganiza o Secretariado Diocesano de maneira mais participativa, tem uma equipe de Coordenação Pastoral, cria o Conselho Diocesano para deliberar junto com o Secretariado a caminhada pastoral da Diocese e funda seu próprio Instituto de Teologia, o Centro de Estudos de Teologia e Pastoral (CETEP). Trabalha muito a formação bíblica e incentiva a centralidade das comunidades (CEBs).

A caminhada da Diocese neste período foi conduzida através de *Assembleias Diocesanas*. Foram elas que deram o rumo, que firmaram a opção diocesana da caminhada com o povo, que criaram os Conselhos de Pastoral em todas as instâncias e o Curso Teológico-Pastoral de Leigos (CTPL-1991). Devemos dar um destaque especial para a 5ª Assembleia Diocesana de 1996, que possibilitou a construção do Plano de Pastoral para 1997-2000, com suas *metas e dimensões*. Nele ficou mais claro o rosto de nossa Igreja, uma vez que ali foram colocadas outras dimensões da vocação cristã, não ficando apenas na dimensão do compromisso social.

A passagem para o novo milênio caracteriza um quarto destaque no processo histórico de nossa Diocese. Termina o período conduzido por D. José Gomes e chega o novo bispo diocesano, D. Manoel João Francisco, ordenado e enviado para o novo ministério em Chapecó, no dia 21/02/1999.

Como consequência das novas opções econômicas mundiais feitas na década de noventa, a realidade social mudou muito. O novo milênio trouxe novos e grandes desafios: a ideologia do terror, que escancarou o terrorismo do império na defesa da globocolonização desenfreada; o crescimento da agressão ecológica, mostrando a loucura de um mundo que pode marchar para a autodestruição; a *cultura de morte*, do hedonismo e da permissividade que invade tudo (lembremos seu efeito perverso em nossas comunidades cristãs).

Os dois últimos Planos de Pastoral da Diocese foram elaborados diante destes desafios que caracterizam uma mudança de época. Neles manifestou-se grande a preocupação de incentivar em toda a Diocese um processo de assembleias anuais em todas as paróquias, com a prática da avaliação e a elaboração de Planos de Pastoral. O que poderia ser sintetizado nos quatro pontos seguintes, que seriam seu pano de fundo:

- 1) Fidelidade à vocação e missão de Jesus de Nazaré: beber da *prática* de Jesus com seus discípulos, com o povo e com as autoridades de seu tempo.
- 2) Fidelidade ao Concílio Ecumênico Vaticano II, principalmente na sua eclesiologia: retomar as grandes intuições do Concílio e colocá-lo em prática a partir de nossa realidade.
- 3) Fidelidade à caminhada histórica de nossa Diocese, ou seja, preocupar-se com as “*multidões abatidas e enfraquecidas como ovelhas sem pastor*” (Mc 6,34), marca registrada da atuação de D. José.
- 4) Auscultar com humildade os novos sinais dos tempos e a *situação inédita* que vivemos, para encontrarmos respostas adequadas em nossa ação pastoral (PD, 2006-2009, p. 7-8).

2 IGREJA DIOCESANA: DOM ODELIR J. MAGRI EM TEMPOS DE PAPA FRANCISCO

No ano de 2013, tivemos a feliz surpresa da eleição do Papa Francisco, que se colocou como novo que traz *buenos-ares* para a vida da Igreja. *Primeirando* em vista de uma “Igreja em saída” para as periferias sociais e existências, “hospital de campanha”, de “portas abertas”, “missionária e de opção pelos pobres” (cf. EG).

Enquanto Diocese, é no bojo do *primeirar* do pontificado do Papa Francisco que acontece a mudança de Bispo. A partir de 2015, passa a conduzir a Igreja particular de Chapecó o Bispo Dom Odelir J. Magri, que se coloca como pastor para somar ao caminho já percorrido. Em suas palavras escreve na página do Jornal Diocesano no mês de março de 2015.

Venho para somar e trabalhar com vocês na vinha do Senhor que é a nossa Diocese. Minha diocese de origem. Sei que santo de casa não faz milagres, por isso fico até mais tranquilo e deixo que os milagres sejam feitos por Aquele que aqui me enviou. (...) Escutar e aprender, e o farei com o firme propósito de somar, ser ponte e de construir unidade, valorizar todas as forças e criar redes de colaboração. Continuar o fortalecimento de uma Igreja comprometida com a mensagem do Evangelho e, portanto, evangelizadora, sensível aos sinais de Deus, especialmente nas situações de fronteiras e das comunidades mais necessitadas: povos indígenas, pequenos agricultores, afrodescendentes, juventude, família, pastoral carcerária, Fazenda da Esperança e outras realidades importantes da nossa ação evangelizadora (Magri, 2015, p. 2).

Esta descrição, feita logo no início, explicita o desejo de continuar a caminhada da Diocese, tendo como propósito escutar, aprender, valorizar as forças existentes e criar redes de colaboração. Protagonizar a dimensão evangélica da evangelização, sendo sensíveis aos sinais de Deus entre os pobres e às situações de fronteiras, o que também deixa entrever o desejo de uma Igreja de índole missionária.

Claro que a chegada de Dom Odelir também se localiza em um contexto de maiores exigências, no intenso processo de industrialização no Oeste catarinense, com suas agroindústrias e os desmantelamentos dos direitos trabalhistas e o enfraquecimento das resistências populares. A urbanização ganha destaque, as comunidades rurais perdem espaço de visibilidade e o enfraquecimento é o sinal mais visível. No próprio objetivo do Plano Diocesano de Pastoral 2020-23, aparece esta preocupação quando se diz: “*evangelizar no contexto do Oeste catarinense cada vez mais urbano ...*”.

Neste contexto, temos uma demanda ainda mais intensa dos órgãos públicos, no que se refere às leis de vigilância sanitária, dos aspectos administrativos e as exigências junto às comunidades católicas. Do ponto de vista administrativo, as obrigações das leis exigem adequações constantes, o que facilmente provoca burocracia e engessamento eclesial. Este

aspecto traz como consequência um maior investimento de pessoas para realizar os trabalhos nas paróquias e na Cúria Diocesana. Tal realidade nem sempre é vista com tranquilidade pelas pessoas que administram e estão à frente das paróquias, com o perigo da defasagem na pastoral.

Na apresentação do *Plano Diocesano de Pastoral*, Dom Odelir destaca, à luz das Diretrizes, o eixo da comunidade e da missão como fundamentais do ser cristão. “Ser cristão implica, entre outros aspectos, viver em comunidade (At 4,32-33) estabelecendo vínculos, muitas vezes mais fortes do que os laços de sangue (Lc 8,19-21). Desperta também o desejo de transportar essa experiência para todas as criaturas até os confins da terra (At 1,8)”. E, lembra, que comunidade e missão estão interligadas, porque, por um lado, comunidade que não gera missionários cai na esterilidade, no esfriamento de quem perdeu o rumo da vivência do Evangelho, e, por outro lado, missionários que não se fundamentam na vida em comunidade correm o risco de se tornarem andarilhos solitários, sem referências para sua atuação (PD, 2020-2023, p. 3).

Na sequência, fala das pequenas comunidades eclesiais missionárias com algumas marcas. 1) São formadas por pessoas que são discípulos missionários de Jesus Cristo em diferentes espaços e situações... 2) Caracterizam-se como comunidades de portas abertas para acolher a todos e para sair ao encontro das pessoas, para amá-las em suas realidades concretas... 3) São lugares da iniciação à vida cristã, da celebração eucarística, do compromisso com os pobres, na abertura com os jovens, crianças, pessoas idosas, do anúncio do evangelho para as famílias. 4) A comunidade segue o caminho da solidariedade ativa a partir dos marginalizados, com destaque no atuar em redes com seus pastores, e por meio dos conselhos de pastoral nos diversos níveis (PD, 2020-2023, p. 4).

É trilhando este caminho que a Igreja particular da Diocese de Chapecó buscou atualizar e encarnar o Evangelho na história, sabendo ler os sinais dos tempos e fazendo os *aggiornamenti* necessários para a Igreja particular continuar sendo sal da terra e luz do mundo, sem medo de navegar em águas mais profundas, bem como em priorizar processos, porque “o tempo é superior ao espaço” (EG 222).

3 DESAFIOS ECLESIOLÓGICOS PARA A IGREJA LOCAL DE CHAPECÓ

Quais seriam os grandes desafios eclesiológicos para a Igreja particular de Chapecó? O Bispo Dom Odelir, refletindo sobre a construção do *Plano Diocesano de Pastoral* (2019-2023), perguntava, a partir do Evangelho do jovem rico: “O que nos falta como Diocese”? Com o objetivo de responder a esta provocação, vamos destacar quatro marcas tidas como libertadoras e registradas na apresentação do último plano de pastoral. 1) diversidade de ministérios; 2) espaços de colegiados de reflexão e decisões; 3) Igreja a serviço da vida plena para todos e todas e espaços de formação (PD, 2020-2023, p. 7-8). Acrescentamos, a marca da missão (5) como paradigma eclesiológico de toda a Igreja, como vem insistindo também o Papa Francisco.

3.1 DIVERSIDADE DE MINISTÉRIOS

Conforme dados colhidos pelo Plano de Pastoral, existem aproximadamente 55.500 lideranças envolvidas na evangelização das comunidades. Isso mostra que os ministérios e serviços se fazem muito presentes e atuantes na vida de nossa Igreja diocesana. Esta é uma dimensão que precisa ser enaltecida, porque foram os apelos do movimento desencadeados pelo Concílio Vaticano II e assumido pelas Conferências do Celam, que deram novo impulso para a ministerialidade da Igreja. Neste sentido, a Diocese como mostra seus registros históricos foi uma das pioneiras e trabalhou com entusiasmo para uma abertura ministerial. Aqui o destaque corajoso de um grupo de pessoas, mas sem dúvida, o papel profético de Dom José Gomes que tomou os ministérios como um caminho evangelizador das comunidades. Entusiasta enviava os ministros da Eucaristia com a esperança de um dia voltaria para enviá-los como padres naquela comunidade (UCZAI, 2002, p 105).

Os ministérios não são prêmios/migalhas que alguns conferem aos outros. No dizer de Dom Joaquim Mol, a ministerialidade da Igreja é aquela que resulta de uma consciência da responsabilidade comum, mas inerente à própria natureza da Igreja. “Não é uma ministerialidade concedida por uns aos outros, mas uma ministerialidade instituída, incluída no espírito da comunidade eclesial, que necessita da variedade dos ministérios para cumprir sua missão e dar o seu testemunho” (MOL, 2022, p. 203).

Por isso, podemos nos perguntar: a ministerialidade é uma opção da Igreja particular da Diocese de Chapecó? Por que as experiências dos leigos/as como agentes liberados nas pastorais têm diminuído nas paróquias significativamente?

3.2 ESPAÇOS DE COLEGIADOS DE REFLEXÃO E DECISÕES

A Diocese tem um caminho um tanto consolidado, mas não sem suas fragilidades e mesmo com a tentação de retrocesso. Em um tempo de crescimento das posturas autoritárias e regimes opressores, os espaços de poder precisam ser vigiados constantemente. É um dos indicativos do processo sinodal que juntamente com a comunhão, se avance na participação e na missão.

Para Dom Mol, a participação é a segunda ordem do Sínodo, sem à qual não acontece a comunhão que é a primeira ordem. À desclericalização eclesial, exigida pela comunhão corresponde à descentralização, exigida pela participação. E esta não acontece de forma natural, uma vez que a cultura do centralismo é muito forte e tem a ver com o exercício do poder. “Ter todos os colaboradores por perto, controlá-los, sob o pretexto de acompanhá-los, repetir incessantemente que ele é quem responde pela paróquia, pela diocese, que sua responsabilidade é maior do que a de outros”. Mol destaca o exemplo de muitos bispos ou mesmos párocos que se vangloriam de deixar a diocese ou paróquia com seu rosto, esquecendo que o rosto a ser configurado é de Jesus e seu Reino” (Mol, 2022, p. 190-191).

Que juízo podemos fazer das diversas instâncias de participação em nossa Diocese, Paróquias e comunidades? A prática das coordenações com seu intuito deliberativo também recebeu recuo, o que preocupa, afinal: os que participam tem poder de decisão, ou somente atuam como consultivos, ou, até mesmo, como grupos de repasse de decisões previamente organizadas e determinadas por instâncias superiores? E não se trata de levar a participação como uma especial de democratização da Igreja que produz horror, o que é um indicativo da maneira de conceber o exercício do poder.

3.3 IGREJA A SERVIÇO DA VIDA PLENA PARA TODOS E TODAS

Somos herdeiros de uma tradição bela e fecunda de encarnação na história e na luta do povo sofrido e fervoroso no combate das injustiças que atingiam o povo. Diversas frentes de evangelização e como a Diocese acampou a luta em defesa da vida e dos pobres. Os diferentes movimentos sociais e populares tiveram seu berço em nossa Diocese e isso se fez com a presença e atuação decisiva da Igreja.

O relatório do processo da escuta sinodal da Diocese, apontou a ausência completa da palavra “opção pelos pobres”, e mesmo a escuta das “margens”, como reconheceu a equipe diocesana, foi “pouco explorada”. O que isso revela em termos de processo de evangelização e da prática do Evangelho? Uma hipótese: o distanciamento da Igreja diocesana com a realidade de sofrimento e das feridas pessoais e coletivas das pessoas? Uma Igreja que se tem voltado mais à dimensão *intraeclesial* e com menor visibilidade, incidência e atuação profética e de serviço à sociedade? Uma Igreja mais autorreferencial, fechada sobre si mesma e menos samaritana, ou hospital de campanha e pouco enlameada e com medo de se sujar com os problemas concretos do povo das comunidades? Ou: no atual contexto de polarização política, cultural e religiosa, ainda não temos encontrado o caminho metodológico necessário e adequado para trabalhar nosso ser Igreja de modo a contribuir para o Reino ser mais presente nas diversas dimensões da sociedade? Ou, diante dos medos de conflitos, fazemos apenas o que julgamos possível nesta hora?

3.4 ESPAÇOS DE FORMAÇÃO

A formação se constituiu em verdadeira plataforma em nossa Diocese para gestar cristãos conscientes de sua missão na Igreja e no mundo. Uma formação de qualidade e com eficácia na forma de compreender a sociedade com suas lutas de classes e a origem dos problemas sociais e políticos vinculados às opções políticas e ideológicas. A formação foi sem dúvida um dos pontos fundamentais no ministério de Dom José Gomes. Insistia na necessidade de uma formação que levasse à conversão da consciência eclesial e política dos batizados. Para isso sabia da necessidade de compreender a relação entre rezar e estudar, fé e vida. Segundo Clodovis Boff, “todo o trabalho popular necessita destas duas coisas, ligadas entre si: teoria (reflexão, estudo, análise, compreensão) e práxis (ou prática, ação, compromisso, luta)” (Boff, 1984, p. 53).

Atualmente, há um consenso quanto à diminuição dos espaços formativos, seja motivado pelo escasso tempo das lideranças, seja por temas mais superficiais que não mexem com a consciência crítica das lideranças. No entanto, a formação *é tudo* no sentido de dar o direcionamento eclesial e profético no caminho da evangelização. E daí a necessidade de reconhecer o desafio da continuidade do método ver, julgar e agir, mas também sua maravilhosa contribuição, porque oferece uma metodologia que se baseia na práxis: ação-reflexão-ação.

3.5 A MISSÃO COMO PARADIGMA ECLESIOLOGICO

No contexto da Diocese de Chapecó, a perspectiva da missão começa a ganhar nova configuração e dinamicidade. Na apresentação do seu primeiro Plano de Pastoral, o Bispo Dom Odelir, começa a chamar atenção para a relação entre missão e comunidade, como uma única realidade que se articula entre si e se exige.

Ora, se por um lado, Dom Odelir recebe em seu tempo à herança de Aparecida e o magistério do Papa Francisco, que fala da urgência de uma Igreja decididamente em saída para as periferias, missionária e em diálogo fraterno com o mundo; por outro lado, não podemos esquecer que Dom Odelir é proveniente de Congregação Religiosa dos Combonianos, ou seja, de carisma missionário. Mais: é devedor da experiência pessoal realizada na África, ainda como Padre, bem como seu trabalho como presidente da Comissão para a Ação Missionária da CNBB (2019-2023).

Em um belo texto, já anteriormente citado, o Bispo Dom Joaquim Mol, ao abordar as três palavras de “ordem” para uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão têm chamado atenção para a força motriz destes conceitos à luz do processo sinodal e da realização da primeira Assembleia Eclesial da América Latina e Caribe. “Para a comunhão, desejamos o desmonte do clericalismo; para a participação, desejamos o desmonte do centralismo eclesial; para a missão, desejamos, ardentemente, o desmonte da pastoral de conservação” (Mol, 2022, p. 194).

CONCLUSÃO

Esta reflexão versou sobre a perspectiva histórico-eclesial da Diocese de Chapecó à luz da eclesiologia do Papa Francisco. A Diocese nasceu no ano de 1958 e tem buscado responder aos sinais dos tempos, sempre atenta ao movimento pendular da caminhada apostólica da Igreja. Os passos mais significativos foram oriundos da recepção do Concílio Vaticano II, as Conferências Eclesiais Latino-Americanas e caribenhas, e, no período recente, a oportunidade oferecida pelo magistério do Papa Francisco, através do processo sinodal para construir uma Igreja da comunhão, da participação e da missão.

Com o Papa Francisco – através do Sínodo da Amazônia (2019), da I Assembleia Eclesial (2021) e do Sínodo sobre a Sinodalidade, em curso (2021-2024) - estamos diante da oportunidade de resgatar a eclesiologia do Concílio Vaticano II, que pode ser sintetizada no

axioma: “Tudo o que diz respeito a todos, precisa ser discernido e decidido por todos” (axioma da Igreja do primeiro milênio). No entanto, não resta dúvida que perante os novos cenários eclesiológicos em ebulição – existe a tentativa de retrocesso. Às vezes, mais que avançar o desafio é para manter o que se conquistou historicamente, o que vale também para a Igreja particular de Chapecó.

Por isso, no espírito de fidelidade/compromisso ao Evangelho de Jesus Cristo, deixamos algumas provocações/compromissos eclesiológicos provenientes das opções históricas de nossa Diocese de Chapecó e das luzes do magistério do Papa Francisco.

Fidelidade/compromisso na abertura dos ministérios e serviços não por necessidade pastoral, devido à escassez de padres, mas por direito do múnus sacerdotal do batismo. Antídoto para frear o avanço do clericalismo tão presente na realidade eclesial, e que é um “câncer” na vida da Igreja, segundo o Papa Francisco.

Fidelidade/compromisso na “Igreja em saída”, porque, como revelou a síntese da escuta diocesana, existem dificuldades de alcançar as periferias, como também em propor iniciativas de evangelizar os “fora dos círculos tradicionais da Igreja”. Particularmente, compromisso com a formação de lideranças jovens nas comunidades.

Fidelidade/compromisso em uma Igreja que dialoga, próxima da vida do povo sofredor, que se deixe evangelizar pelos carismas das lideranças, sem autoritarismos e medo de perder o poder. Que todos os espaços e instâncias de organização sejam respeitados, articulados e impulsionados no processo de evangelização.

Fidelidade/compromisso por um mundo melhor, possível, já aqui no planeta Terra. Para isso a necessidade continuar acolhendo as intuições proféticas do movimento desencadeado pela preocupação com a Casa Comum, e a superação do sistema capitalista que se fixa sobre uma economia que gera exclusão e morte.

Fidelidade/compromisso com o processo da Igreja sinodal, para aproveitar/degustar das três oportunidades que o Sínodo nos oferece, segundo o Papa Francisco: a Igreja da participação, a Igreja da escuta e a Igreja da proximidade.

Que seja esta a “hora” kairótica, pois como expressa em poema Dom Pedro Casaldáliga, *já é tarde, madrugada...* Ou, como canta Geraldo Vandré, *“quem sabe faz a hora não espera acontecer...”*.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. A Bíblia de Jerusalém. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2004.

BOFF, Clodovis. *Como trabalhar com o Povo*. 6. ed. Petrópolis: Vozes/IBASE, 1984.

CELAM. Conferência geral do Episcopado Latino-americano. *Conclusões de Medellín*. São Paulo: Paulinas, 1970.

DOM JOSÉ GOMES. *Sermão*. Celebração 14/12/1980 (3º Domingo do Advento). In: LOVERA, 2013, p. 241).

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

JORNAL DIOCESANO. Informativo da Diocese de Chapecó - Ano XV - Edição 140 - Março de 2015.

MOL GUIMARÃES, Dom Joaquim Giovani. Da Assembleia Eclesial ao Sínodo da sinodalidade. AQUINO J, Francisco e DE MORI, Geraldo (org.). *Igreja em saída sinodal para as periferias*: Reflexões sobre a I Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2022. p. 169-208.

DIOCESE DE CHAPECÓ. *Plano Diocesano de Pastoral* (2002-2006).

DIOCESE DE CHAPECÓ. *Plano Diocesano de Pastoral* (2020-2023).

UCZAI, Pedro (Org.). Dom José Gomes: *Mestre e Aprendiz do povo*. Chapecó: Argos, 2002.